

UMA HISTÓRIA ENTRE A SOCIOLINGUÍSTICA, O FUNCIONALISMO E A ANÁLISE DE GÊNEROS

ENTREVISTA COM VERA LÚCIA PAREDES SILVA

*Lorena Cardoso dos Santos
Andrei Ferreira de Carvalhaes Pinheiro*

Ao passarmos pela porta, logo à direita, há uma pequena mesa, rodeada por quatro cadeiras, diante de um piano. Bem perto à mesa, há uma estante, com livros diversos: sobretudo de estudos linguísticos, mas a literatura não escapa às prateleiras. É o que encontramos ao sermos recebidos pela professora Vera Paredes em seu apartamento. Sentamo-nos à mesa, e a professora Vera, com muito carinho, nos oferece uma fatia de bolo, uma xícara de café e um copo de mate. Preferencialmente, mais uma fatia de bolo. Com esse acolhimento, sorrisos, bolo, café e mate, conversamos – em geral, sobre Sociolinguística, Funcionalismo, Análise de Gêneros Discursivos (ou Textuais?) – mas também sobre as histórias da vida que nos forma. Na verdade, a própria Linguística leva às histórias da vida. Não se dissociam, portanto. As horas passam, e é esta uma perfeita tarde de orientação à pesquisa com a professora Vera.

Esta entrevista provavelmente teria se desenrolado de modo bastante parecido – certamente com sorrisos, bolo, café e mate –, se não fosse pelo ano pandemicamente atípico de 2020. Aproveitamos, no entanto, essa atipicidade para aprender ainda mais com a professora Vera, mesmo a distância. Dissemos

a ela que uma disciplina da Pós-Graduação em Linguística na Universidade Federal do Rio de Janeiro exigia, como atividade avaliativa, a realização de uma entrevista com a nossa própria orientadora. Vera, em momento algum, relutou. Tão logo pôde, gravou diversos áudios pelo celular, em resposta às perguntas que compõem esta entrevista. É a transcrição desses áudios que se encontra a seguir: um pequeno recorte de uma trajetória tão linda pela Linguística.

Já não é mais surpresa que esta entrevista não se destinava a uma disciplina da Pós-Graduação; é um pedaço desta homenagem à professora Vera, que, mais uma vez, nos presenteia com toda a sua experiência e resposta a perguntas que ainda hoje nos movem. Para nós, foi um prazer ouvir cada uma das respostas. Esperamos que a leitura seja para todas e todos tão agradável e enriquecedora, como foi para nós.

Agora, com a palavra, a professora doutora, orientadora e amiga, Vera Lúcia Paredes Silva.

Lorena & Andrei - Para você, Vera, a Sociolinguística deve ser considerada uma abordagem ou uma teoria? Por quê?

Vera - Em um artigo sobre Sociolinguística, Tânia Alkmim – professora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) – diz que 1964 é a data considerada um marco da Sociolinguística como nós a entendemos hoje.¹ Isso não significa que a Sociolinguística só tenha existido a partir de 1964. Na verdade, desde bem antes, diversos linguistas já se preocupavam com a relação entre língua e sociedade. Contudo, o que marcou o surgimento do termo *Sociolinguística* e da Sociolinguística como área de estudos foi um congresso na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA) em 1964. Nesse congresso, se reuniu a nata dos pensadores que, naquela época, se preocupavam com a relação entre língua e sociedade. Há um livro, que agora parece ter sido reeditado no Brasil, com textos de William Bright, Joshua Fishman, William Labov, John Fisher, entre outros falando justamente sobre como eles viam essa relação entre língua e sociedade. Então, eu diria que a Sociolinguística é uma grande área interdisciplinar, que tem parentescos com a Etnolinguística e com a Antropologia, por exemplo. Linguistas norte-americanos do começo do século passado, como Sapir – não Bloomfield, porque era muito mecanicista –, eram autores que pensavam a língua com relação à sociedade. E não era só nos Estados Unidos. Na Europa, por exemplo,

¹ ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: BENTES, Anna Christina; MUSSALIN, Fernanda (org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortêz, 2001, pp. 21-47.

Émile Benveniste era outro que se preocupava com essa questão do linguístico e do social.

Agora, se a Sociolinguística é uma teoria, isso já é um pouco mais complexo. Eu posso dizer, sim, que a Sociolinguística é uma grande área de estudos interdisciplinares e que, nessa grande área, você pode encontrar diversas linhas de encaminhamento da importância da língua, do meio de comunicação na sociedade. A Sociolinguística envolve vários aspectos. Envolve, por exemplo, questões da política de idiomas, porque é necessário ter um bom conhecimento de como se desenvolve uma dada língua numa dada sociedade. Você vê, entre outros, os casos de diglossia; esses casos em que numa determinada sociedade existe uma variante superposta, chamada de alta (*High*) e uma variante baixa (*Low*), ou seja, duas variantes da mesma língua coexistem, mas cada qual tem um papel: por exemplo, uma que é usada na política, na administração, mas que só serve para essas situações formais; e outra que é usada no dia a dia pelas pessoas, que muitas vezes usam essa variante “baixa” sem nem mesmo conhecerem aquela outra, que é ensinada na escola. Então, políticas de idioma, políticas de ensino de língua, tudo isso cabe nesse grande guarda-chuva que é a Sociolinguística. A questão da diglossia, a questão das fronteiras, as situações de contato linguístico são apenas exemplos. Há inúmeros problemas que a Sociolinguística compreende, pelos quais a Sociolinguística se interessa.

Portanto, eu não posso responder que a Sociolinguística seja uma teoria, entende? Porque, dentro da Sociolinguística, existem várias perspectivas pelas quais as pessoas podem abordar o fenômeno linguístico. Mas uma coisa é certa: ver a língua em sociedade, a língua conforme o homem a usa como veículo de comunicação na sociedade. Esse é o ponto principal, eu acho.

Se nós formos comparar com as perspectivas de Noam Chomsky, nós estamos olhando para a língua-E e não para a língua-I, ou seja, estamos olhando para a parte externa. É aquilo que eu costumo falar em aula: o elefante é muito grande e você pode olhá-lo de vários lados. Você pode estar examinando a tromba, e então não estará olhando o rabo. Assim é a língua. A língua tem várias facetas pelas quais ela pode ser considerada, e a Sociolinguística procura ver algumas das facetas dos fenômenos linguísticos, a partir dos modos como a língua é usada em situações reais de interação.

Tudo isso, é claro, se refere à Sociolinguística *lato sensu*, ou seja, em sentido amplo, que engloba diversas abordagens de estudos sobre as línguas e as sociedades, como a Sociolinguística Variacionista, que é uma vertente dos estudos sociolinguísticos.

L&A - Muitos dos seus trabalhos têm seguido princípios funcionalistas e variacionistas. Como as pesquisas que partem dessas bases contribuem para os estudos linguísticos?

V - *Funcionalismo* também é uma expressão muito abrangente, porque nós temos não apenas um Funcionalismo, mas vários. Maria Helena Moura Neves, na sua introdutória *Gramática Funcional*, citando Elizabeth Bates, diz que o que chamamos de Funcionalismo se assemelha ao protestantismo: várias seitas que só teriam em comum a rejeição à autoridade do Papa.² No caso, podemos pensar na rejeição ao formalismo chomskyano.

Eu me sinto mais à vontade para falar do Funcionalismo norte-americano, ou anglo-norte-americano – o Funcionalismo, por um lado, de M. A. K. Halliday e, por outro lado, aquele que se desenvolveu na Costa Oeste dos Estados Unidos, com pessoas como Talmy Givón, Sandra Thompson, Wallace Chafe, Charles Li, entre outros que foram aqueles que, digamos, “me formaram” dentro da perspectiva funcionalista. Nesse sentido, existe, sim, uma perfeita compatibilidade entre a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo, porque, afinal de contas, o que nós estamos analisando? Estamos analisando a língua em uso, numa determinada comunidade, num determinado momento, e estamos vendo que funções ela pode desempenhar, a que aspectos ela está servindo. É por esse motivo que eu diria que existe uma perfeita compatibilidade entre a Sociolinguística Variacionista – laboviana, ou a Teoria da Variação e Mudança Linguística – e esse Funcionalismo do qual nós estamos falando.

L&A - Ao estudarmos a língua em uso, deparamo-nos, certamente, com textos e, assim, com gêneros discursivos ou textuais. Qual é a importância de estudarmos os gêneros do discurso?

V - Pensemos no seguinte: se nós seguirmos uma concepção bakhtiniana, nós entendemos que a língua não é um código; a língua existe através de enunciados. Há uma grande discussão se são enunciados ou se são enunciações, porque Bakhtin escreveu em russo e foi traduzido para o inglês, em que a palavra é *utterance*, podendo traduzir-se tanto por “enunciado”, como por “enunciação”. Os franceses já entenderam diferente, e isso tudo é uma polêmica. O fato é que, para Bakhtin, Saussure só olhava o código linguístico, o sistema, e acontece que a manifestação da língua é nos enunciados, e esses enunciados constituem gêneros – gêneros que nós identificamos. Eu sempre dizia aos meus alunos: quando

² NEVES, Maria Helena Moura. *A gramática funcional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

você está sintonizando as estações de rádio rapidamente, você percebe nitidamente as diferenças de uma transmissão esportiva, de uma pregação religiosa, de um anúncio. O que é isso? São gêneros. E ninguém ensinou isso para você. Os gêneros são parte da vida do homem. O homem aprende os gêneros desde criança. Ele fala por gêneros. Nós não falamos por palavras, por frases; nós falamos por gêneros. Às vezes, é claro, uma frase pode constituir um gênero. Por exemplo, se eu grito: “Socorro!”, eu estou fazendo disso um pedido, há um enunciado completo. Aliás, a própria gramática tradicional já dizia isso, que as frases podiam ser enunciados completos, enquanto as orações tinham que ter verbos e outros termos. Mas isso é um parêntese. Falar sobre os gêneros discursivos ou textuais é importantíssimo para quem tem interesse no aspecto social da língua, na língua “do lado de fora”, na língua em uso.

L&A - Afinal, são gêneros discursivos ou textuais?

V - Existe uma discussão, uma divergência quanto ao uso desses termos. Normalmente, os autores na linha anglo-saxônica usam *discourse genres*, gêneros discursivos. Mas Deborah Schiffrin, quando estudei com ela durante o pós-doutorado, falava que o gênero era o conjunto, enquanto o texto era a estrutura. Era assim que ela via. Você tinha estruturas narrativas, estruturas descritivas, que estavam a serviço de gêneros, como por exemplo a carta ou a notícia. O gênero teria, então, um propósito comunicativo, esse é o ponto. É também o ponto de outro autor consagrado dentro dessa área, que é John Swales.

Enfim, há uma divergência. O termo *gêneros textuais* é mais utilizado pelos estudiosos de formação franco-suíça, como os que seguem a orientação de Jean Michel Adam, D. Maingueneau, Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz, entre outros. Temos a escola franco-suíça, o grupo de Genebra, e esses autores têm uma preocupação com o ensino. É um estudo dos tipos textuais mais direcionado para questões didáticas. Como nós temos aqui no Brasil um forte contingente de professores e pesquisadores que se formaram nessa escola de Genebra, que foram fazer pós-graduação lá, então trouxeram para o Brasil principalmente essa visão da Linguística de Texto e de chamar de *gêneros textuais*.

Gêneros do discurso ou *discourse genres*, como eu já disse, é uma expressão mais anglo-saxônica. É usada por Swales, de quem eu gosto muito. Ele diz que a palavra *genre*, em inglês, é – vamos dizer – desconfortável, mas não existe outro termo que traduza esse conceito de gênero no inglês. Então, entre os pesquisadores da linha anglo-saxônica, eu destaco John Swales e aqueles que são voltados para o estudo dos gêneros direcionado para fins específicos: gêneros

voltados para atividades profissionais, para o ensino de estrangeiros... Por exemplo, o que é contar uma história em hindi? E o que é contar uma história em inglês? Mantém, assim, um elo com a Linguística Aplicada. Esses estudiosos, linguistas de orientação anglo-saxônica, têm uma intenção mais didática e, ao mesmo tempo, pragmática. Estou me referindo especialmente a Swales, mas também aos discípulos de M. A. K. Halliday, que desenvolveram muitos estudos na Austrália. Não se pode deixar de mencionar, ainda nos Estados Unidos, Carolyn Miller, na sua visão de gênero como ação social e Charles Bazerman.

Na verdade, até já houve quem falasse na tradição brasileira. No livro de Anis S. Bawarshi e Mary Jo Reiff, há essa menção.³ O próprio Swales em um congresso internacional de gêneros, em 2012, realizado no Canadá, chegou a mencionar essa tradição brasileira de conciliar o gênero aos aspectos sociais, da comunidade, de uso, com um propósito comunicativo; e, ao mesmo tempo, o estudo do texto. Swales disse que talvez a tradição brasileira procurasse conciliar esses dois aspectos. E eu acho que de certa forma isso é verdade – embora não haja tanta gente que leve isso adiante.

L&A - Nas suas pesquisas, você tem conciliado estudos variacionistas e funcionalistas com a análise de gêneros. Por que isso é possível e como se faz?

V - Para falar sobre isso, eu tenho que voltar um pouco e dizer como apareceu o meu interesse. Nos anos 1980 do século passado, eu estava fazendo uma pesquisa sobre pronomes para minha Tese de Doutorado, que era baseada num corpus de cartas pessoais, e essas cartas eram entre familiares, entre pessoas próximas. Eu achava que aquilo era um gênero bem definido. Só que, quando comecei a examinar as cartas, eu vi que havia nessas cartas interesses muito diferentes, propósitos comunicativos bem diferentes. Acabei até fazendo uma classificação dessas cartas em quatro grupos: cartas de narração-reflexão; cartas de pedido; cartas de contato; e cartas de conselho. Na altura, eu não utilizei isso como uma variável independente no meu tratamento variacionista do uso dos pronomes, porque eu ainda estava “tateando” nesse caminho e não dava tempo de fazer um estudo mais aprofundado dos gêneros com tantas outras coisas que eu já tinha estudado. Mas Dinah Callou, que fazia parte da banca, chegou a me perguntar por que eu não tinha usado como uma variável independente.

³ BAWARSHI, Anis S.; REIFF, Mary Jo. **Gênero**: história, teoria, pesquisa, ensino. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.

O fato é que aquilo que pode parecer um gênero – digamos – “homogêneo” não necessariamente será. Pegue, por exemplo, um artigo de opinião. Se você for examinar o artigo de opinião, ele é predominantemente argumentativo: alguém tem um ponto de vista, coloca aquele ponto e defende. Mas não é ao longo de todo o artigo de opinião (ou artigo assinado, como você queira chamar) que vai prevalecer isso. Vez por outra, vão entrar aspectos talvez descritivos ou narrativos, por exemplo. O propósito do artigo pode ser esse, de defender um ponto, mas isso não significa que ao longo de todo o texto isso vai estar presente em todos os parágrafos. Eu hoje em dia estou completamente convencida de que essa questão das sutis mudanças que podem acontecer dentro de um gênero aparentemente fechado, definido tem a ver também com o comportamento do tópico discursivo. Tem uma relação muito estrita com isso.

O que eu estou sugerindo é o seguinte: um gênero não é um bloco único, não é um “monobloco”. Você pega uma carta pessoal, você pega um editorial, uma crônica – eu estou falando de gêneros bem conhecidos. Trabalhei muito com gêneros jornalísticos, talvez por isso eu esteja citando esses. Você não tem o tempo inteiro a mesma manifestação linguística do produtor do texto, ou seja, ele vai se comportar o tempo inteiro defendendo aquele ponto de vista, mas ele pode, vez por outra, dar uma escapulida para descrever alguma coisa que aparece ali pelo meio do texto. No decorrer desses movimentos, diferentes estruturas linguísticas podem ser empregadas, de acordo com os propósitos comunicativos do autor, do tipo textual em questão e, enfim, do gênero discursivo. Aqui podem entrar perspectivas de análise variacionista e funcionalista.

Então, na verdade, a minha proposta é que a gente chame de *gênero discursivo* o conjunto, dentro da tradição norte-americana. Por outro lado, estão os tipos, as estruturas textuais que nós encontramos no interior desses gêneros, prevalecendo algumas, evidentemente, de acordo com o gênero, e outras ficando em segundo plano.

L&A - Mais recentemente, você tem se dedicado também aos chamados gêneros discursivos digitais. Por que eles despertaram o seu interesse?

V - Acredito que inicialmente eles tenham despertado a minha curiosidade porque representam uma escrita que não é escrita, ou seja, uma escrita que não corresponde às nossas expectativas com relação à escrita. Ao mesmo tempo, esses gêneros não são a fala. Muitos são mais próximos da fala do que da escrita, mas eles não são nem uma coisa nem outra.

Logo de início, o que chamou a atenção das pessoas nos chamados gêneros discursivos digitais foi a questão da simplificação da escrita, do uso de uma série de abreviações. Veja-se o caso da supressão das vogais em algumas palavras. Isso acontece em muitas línguas nas quais só se grafam as consoantes. Mas, em princípio, não na grafia convencional do português. Já no português pela web, sim. Esses aspectos começaram a chamar a atenção das pessoas. Mas a questão não se restringe a isso. É bem mais complexa.

Coincidiu de alguns orientandos trabalharem com gêneros discursivos digitais, na comparação entre gêneros discursivos digitais e seus correspondentes impressos, mas especialmente aqueles gêneros que surgiram através da web e que criaram, inclusive, nomes de atividades, novas atividades para aqueles que os praticam, como é o caso de blog. Hoje em dia há quem seja blogueiro – só para dar um exemplo.

O fato é que a web vem mudando a nossa visão e se impondo especialmente nesse período, nesse século XXI pós-pandemia, porque a comunicação via web se tornou onipresente, e isso tem várias consequências bastante complicadas.

Agora nós vivemos um momento novo, uma nova ordem ou desordem de coisas. As aulas não são presenciais; são online. Assim, cria-se uma série de embaraços, põe-se em evidência a desigualdade social, porque o acesso à internet não é igual para todos. Para nós, que somos “das antigas”, acrescenta-se o problema de que temos visto um crescimento nesse uso da escrita na internet, a língua escrita que não é escrita; em muitos gêneros, é quase uma tentativa de cópia da língua falada. É como estar sentada entre duas cadeiras. Para nós, é um desconforto, é um desacerto. É escrita? Sim, porque vem pelo meio gráfico. Mas é uma versão, vamos dizer, simplesmente uma transcrição de uma escrita, algo que se realiza pela escrita – associada a outras semioses. Então, há muito a ser dito a respeito disso.

Além disso, há diversas implicações para os mais jovens, que desenvolvem o hábito de se comunicarem pela internet – seja pelo WhatsApp, pelo Facebook, ou por qualquer outra plataforma – mas perdem o hábito da leitura do texto escrito convencional, que muitas vezes não conseguem levar a cabo. Acham as palavras difíceis. Acento gráfico para quê? O acento acabou. Então, nós estamos em uma situação parecida com aquela descrita por Marshall McLuhan: *o meio é a mensagem*.

Por outro lado, a mim e aos meus orientandos, outra questão que nos despertou a curiosidade foi ver que havia certos comportamentos nessa escrita digital que se aproximavam da escrita convencional, enquanto outros usos não

– particularmente no caso de pronomes. Tome-se, por exemplo, o trabalho de Yalis Duarte Rodrigues Lima, de 2017.⁴ Ela investigou o uso de pronomes em blogs e aplicou a mesma escala de conexão discursiva que eu havia aplicado na minha Tese de Doutorado em 1988.⁵ Nesse trabalho, Yalis Lima observou que, nos blogs, o uso de pronomes seguia a mesmíssima conexão discursiva que havia sido verificada nas cartas pessoais escritas na década de 1980 do século passado. A escala de conexão discursiva leva em conta, no uso da língua, o grau de conexão de determinado elemento no discurso com a sua menção anterior. Toma por base propriedades sintáticas e semânticas das orações nas quais as menções aparecem, mas também considera o conhecimento pragmático dos interlocutores e o contexto discursivo. Isso em poucas palavras. Quer dizer, parece que alguma coisa da escrita convencional sobrou. Então, é muito desafiador trabalhar com essa escrita digital, com esses gêneros discursivos digitais, porque há muitos fenômenos que ainda podem ser investigados e que podem nos apresentar novidades inesperadas.

Isso tem consequências. Para mim, o mais grave parece ser o impacto na maneira como os mais jovens encaram um texto escrito, dentro da escrita convencional, porque simplesmente não têm paciência de ler. Perdem um bocado. Na escrita digital, a tendência é ao uso de frases curtas, de simplificações e abreviaturas. Então, pode de fato representar um obstáculo a leitura de um texto que exige ficar com o olho grudado no papel durante um tempo maior.

Convém mencionar que vários orientandos nossos têm trabalhado com uma comparação entre a escrita corrente e a escrita digital, gêneros discursivos digitais. Em alguns casos, o gênero tem a mesma designação, como as notícias, que podem ser tanto impressas, quanto digitais. Veja o caso do trabalho de Lorena Cardoso dos Santos, que discute até que ponto o suporte pode influenciar o gênero.⁶ Entenda *suporte* aqui no sentido de Luiz Antônio Marcuschi, para quem suporte é o meio.⁷ E então voltamos àquela ideia de que o meio é a mensagem.

⁴ LIMA, Yalis Duarte Rodrigues. **Forma e função em gêneros digitais:** Estrutura composicional e traços léxico-gramaticais no macrogênero blog. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2017.

⁵ PAREDES SILVA, Vera Lúcia. **Cartas cariocas:** a variação do sujeito na escrita informal. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 1988.

⁶ SANTOS, Lorena Cardoso dos. **A correlação entre sintagmas nominais complexos e o gênero notícia política:** uma análise comparativa entre o suporte impresso e o digital. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2019.

⁷ MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

L&A - Pensando em pesquisas futuras, que aspectos das nossas práticas linguísticas, em ambiente digital ou fora dele, você ainda gostaria de ver mais estudados? Pelo seu olhar, que questões ainda permanecem sem resposta?

V - Inúmeras questões permanecem sem resposta. E sempre vai ser assim, porque a ciência é desafiadora. Ela está sempre apresentando novas questões àquele que é curioso. O cientista tem que ser persistente, tem que ser curioso. O cientista da linguagem também, e o linguista é um cientista da linguagem.

Há inúmeros aspectos a serem estudados. A gente, na verdade, nem sabe que questões são essas que vão se apresentar ainda para nós. Nós já sabemos que há algumas coisas pululando por aí e que nos despertam a curiosidade. Nesse sentido, eu assisti, por exemplo, a uma *live*, a uma conversa entre a professora Jaqueline Barreto Lé, da Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB), e o professor Júlio César Araújo, da Universidade Federal do Ceará (UFC).⁸ Eles estavam justamente mostrando os novos desafios com os quais nos deparamos, porque essa nova maneira de lidar com a língua também vai afetar a maneira de as pessoas pensarem. As pessoas já não estão com a mesma paciência para se deter em um texto e ler um parágrafo até o fim. As pessoas estão se habituando a comunicações rápidas, como mencionei anteriormente. Então, como lidar com isso?

Essa, para mim, é uma das diversas questões que permanecem sem resposta, porque a gente nem sabe ainda que questões vão aparecer. Essa é a verdade. No momento, o que a gente pode fazer – como têm feito meus orientandos – é tentar comparar o uso escrito convencional com a escrita digital, para avaliar o que a gente já pode vislumbrar, o que já se tem de caminho, de indício.

L&A - Por fim, que mensagem você deixaria à nova geração de linguistas?

V - Eu acho que nós temos uma grande responsabilidade. Em sala de aula, eu já dizia que cada fio de cabelo do linguista tem que ser como uma antena para captar o que está acontecendo à sua volta, porque o linguista pode encontrar ali um indício de uma nova forma que está entrando na língua. Me lembro, por exemplo, da primeira vez em que ouvi: “Eu tinha trago o trabalho”, e isso me deixou muito surpresa. Me lembro também do meu espanto – quando a Faculdade de Letras da UFRJ ainda era na Av. Chile, se vocês podem imaginar isso

⁸ A primeira parte da *live* está disponível neste *link*: <https://www.instagram.com/tv/CFLL-49bn3VC/?igshid=138cs234z9tzg>. Para assistir à segunda parte da conversa, veja-se este endereço: <https://www.instagram.com/tv/CFLO-LsHvkJ/?igshid=1oxjpsjlmsenr>.

– ao ouvir de um aluno a seguinte pergunta: “Vera, tu vai pedir isso na prova?”. Dirigia-se a mim. Está certo: eu não era chamada de *senhora*, nem de *professora*, mas para mim foi uma completa estupefação ouvir: “tu vai”. Então, comecei a ficar com as antenas ligadas para esses usos de *tu*. Foi o meu primeiro interesse nessa comparação entre *tu* e *você*. Nos meus 40 anos de Faculdade de Letras da UFRJ, ouvi muita coisa que me surpreendeu e que depois vi se repetindo, se repetindo até que entrasse no uso corrente da língua.

Agora, o que eu acho mais sério disso tudo é que nós estamos vivendo uma nova ordem de coisas, ou uma desordem talvez, tal qual eu disse. O pesquisador precisa estar muito alerta a essas novas formas que estão aparecendo, a esses novos meios de comunicação, inclusive porque a web tem um poder que parece assustar aos seus próprios criadores, os cientistas do Vale do Silício que acharam que estavam fazendo um grande bem à humanidade ao criarem essas formas de comunicação. Recentemente, vi uma referência a um documentário – ao qual ainda não assisti – que se chama *O dilema das redes*.⁹ Nele, ex-diretores de grandes empresas digitais e redes sociais se penitenciam, se arrependem, porque não podiam imaginar os rumos que as suas pesquisas científicas empreendidas no Vale do Silício apresentariam às pessoas, o que isso poderia representar em termos de organização social.

Daí vemos, por exemplo, a criação de robôs, as chamadas *fake news* e tudo isso que pode não ajudar, mas atrapalhar a vida da gente, atrapalhar a vida de toda uma população, acho que até de toda a humanidade, porque você deixa de ter confiança naquilo que é apresentado. Pode-se ter os chamados *influenciadores digitais*, que são capazes de convencer toda uma população de falsidades. Esse é, para mim, o nosso grande dilema.

E a língua, é claro, está envolvida nisso tudo. É uma questão de linguagem e mente, linguagem e cérebro – não necessariamente no sentido de investigar como essa linguagem se processa (o que também se pode fazer), mas no sentido de que os jovens, os de mais tenra idade, as crianças pequenas não têm familiaridade com um livro, com folhear um livro, mas sim com teclar. Substitua-se a palavra folhear por teclar. E substitua-se a imersão num livro, num romance para uma boa leitura, por *TikToks*, por brincadeiras, por coisas rápidas que distraem, envolvem. Além disso, ainda há o seguinte problema: o que já vi chamarem informalmente de *dedo nervoso*. Como isso se espalha. Alguém já disse que a reputação de uma pessoa era como um travesseiro de plumas: uma vez que se tira uma pluma, vão embora todas as plumas, e vai-se

⁹ ORLOWSKI, Jeff. *O dilema das redes*. 1h29min. Netflix, 2016.

embora uma reputação. É exatamente assim que acontece com a web mal-usada. Vocês, futuros professores, futuros investigadores, pesquisadores na área da Linguística, têm que estar muito atentos a todas essas armadilhas que a web prepara. É essa, acredito, a mensagem que eu gostaria de deixar.